



NOVA PESQUISA SOBRE AS COLEÇÕES DE RICHARD SPRUCE NA AMAZÔNIA: UMA COLABORAÇÃO BRASIL-REINO UNIDO

^{1*}Viviane S. Fonseca-KRUEL; ²Luciana MARTINS; ³Mark NESBITT, ⁴William MILLIKEN, ⁵Márlia COELHO-FERREIRA

^{1*}Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, * vfonzeca@jbrj.gov.br ²Birbeck-University of London, Reino Unido; ^{3,4}Royal Botanic Gardens - Kew, Reino Unido; ⁵Museu Paraense Emílio Goeldi

Submitted: 17/11/2017; Accepted: 04/03/2018

ABSTRACT

The Northwest Amazon comprises a large region of equatorial forest on the border of Brazil, Colombia and Venezuela, which has been inhabited by indigenous peoples since the pre-colonial period. Today they occupy 80% of its area. Travellers such as Richard Spruce, who visited the region in the 1850s-1860s, described the vitality and dynamics of these populations, demonstrated by the size of their longhouses, their extensive inter-communal ceremonies, and their rich material culture. The biocultural objects and associated information collected by Richard Spruce constitute a unique point of reference for the useful plants, ethnobotany, anthropology and environmental history of the region. Housed at the Royal Botanic Gardens, Kew and the British Museum, both in London, this under-researched collection incorporates indigenous plant-based artefacts, samples of useful plant products, detailed archival notes on the use of plants by inhabitants of the Amazon, and accompanying herbarium voucher collections. This paper focusses on an ongoing research programme aimed at building capacity in Brazil to research, cataloguing and mobilising data from these biocultural collections, and developing these important resources for improved understanding of the useful and cultural properties of plants. It aims to build collaborative relationships, making biocultural collections and associated data freely accessible online, and above all to strengthen capacity of indigenous communities on the Rio Negro for autonomous research into material culture and plant use. We present the activities we have developed in the first two years of the programme. Workshops at Kew, Rio de Janeiro and São Gabriel da Cachoeira have enabled the Spruce collections to be fully digitised and artefacts made available through the Re flora portal (reflora.jbrj.gov.br). Training has been given in collection and study of biocultural objects, both to museum staff and representatives of indigenous communities, and a research agenda developed that focuses on better understanding of the shifting relationships between people and natural resources over the last 200 years. We discuss how a broad collaboration has led to constructive, culturally appropriate engagement with local communities, providing a portal into the world of scientific knowledge and helping to mobilise both scientific and indigenous knowledge in a mutually beneficial manner.

KEYWORDS: Biocultural collections, Amazônia, indigenous peoples, repatriation, indigenous knowledge

O Noroeste da Amazônia compreende uma extensa região de floresta equatorial na fronteira do Brasil, Colômbia e Venezuela. Os povos indígenas, que hoje ocupam 80% de sua área, habitam a região desde o período pré-colonial (Hemming, 1978; Neves, 2001). Naturalistas europeus, como Richard Spruce, percorreram esta região no século XIX e início do século XX, descrevendo o modo de vida, assim como a vitalidade e a dinâmica dessas populações, suas moradias (malocas), cerimônias comunitárias e a rica cultura material (Seaward e FitzGerald, 1996; Spruce, 1908).

Os objetos bioculturais e as informações associadas coletados por Richard Spruce constituem um ponto de referência único para a etnobotânica, a antropologia e a história ambiental da região. Nascido há 200, anos em 1817, Spruce foi incubido por William Hooker e George Bentham de coletar plantas na América Latina. Durante 15 anos, apesar da saúde debilitada e dos perigos da mata, ele reuniu 14 mil espécimes de herbários e 350 artefatos etnobotânicos. Todo este material, que foi bem

documentado em diários de viagens, desenhos e cadernetas de campo, foi depositado em acervos britânicos, principalmente do Royal Botanic Gardens, Kew e British Museum, ambos em Londres.

Este rico acervo, entretanto, não foi ainda exaustivamente explorado, especialmente no que diz respeito à coleção de artefatos feitos à base de plantas, que abrangem diversas categorias de uso, desde alimentos até rituais; às amostras de produtos vegetais úteis; e às notas de arquivos detalhadas sobre o uso e o processamento de plantas pelos povos indígenas da Amazônia. É importante destacar, como apontado acima, que a região do Alto Rio Negro no noroeste amazônico, onde Spruce concentrou seus esforços de coletas e descrição do modo de vida das populações locais, ainda hoje é habitada por povos indígenas de diferentes etnias, com um profundo conhecimento sobre a biodiversidade amazônica.

Neste cenário, surgiu a ideia do projeto de pesquisa sobre as coleções bioculturais do referido botânico, envolvendo instituições brasileiras - Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ), Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e Instituto Socioambiental (ISA) - e inglesas - Royal Botanic Gardens, Kew, e Birkbeck - Universidade de Londres. Este projeto, que contou com o apoio financeiro do Fundo Newton (British Council / Edital Institutional Skills 2015), teve como objetivos construir relacionamentos colaborativos, fomentar a pesquisa e a criação de coleções bioculturais, disponibilizar dados associados de acesso livre *on-line* e, acima de tudo, fortalecer a capacitação das comunidades indígenas do Alto Rio Negro para realizar pesquisas autônomas sobre a cultura material e o uso de plantas. Trata-se, pois, de um projeto pioneiro com o intuito de reconectar os povos indígenas desta região com as observações e coleções feitas pelo botânico inglês no século XIX.

Neste artigo, serão apresentadas as atividades de pesquisa desenvolvidas nos dois primeiros anos do projeto no Brasil e no Reino Unido, desde a oficina inicial em 2015 em Kew, para estabelecer metas e parcerias, até o programa de acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos bolsistas indígenas em 2017 em São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro. Como será indicado abaixo, o projeto baseou-se na possibilidade de uma ampla colaboração, propiciando um envolvimento construtivo e culturalmente apropriado das comunidades locais. Assim, buscou-se mobilizar os conhecimentos científico e indígena de forma mutuamente benéfica.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Em julho de 2015, 20 participantes do Brasil e Reino Unido se reuniram em uma oficina no Royal Botanic Gardens, Kew, para estabelecer uma rede de pesquisadores, assim como desenvolver estratégias e possíveis propostas de pesquisas e repatriação digital das coleções bioculturais, integrando-as às exsicatas coletadas por Richard Spruce na Amazônia brasileira. Na ocasião, foram identificados os principais parceiros, além de ter sido desenvolvida uma agenda de pesquisa concentrada em uma melhor compreensão das relações dinâmicas entre pessoas e os recursos naturais nos últimos 200 anos, sintetizada em quatro grandes temas relacionados à Amazônia: mudanças ambientais e humanas; a relação entre as pessoas e seu ambiente; questões históricas, geográficas e sociológicas relacionadas à compreensão, gestão e ao potencial das coleções de Spruce; e, mais amplamente, à mobilização de coleções de museus e metadados junto às comunidades indígenas.

O amadurecimento dessa aproximação inicial proporcionou a realização da primeira atividade prática do projeto, que foi o treinamento intensivo dado aos pesquisadores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro envolvidos no desenvolvimento de ferramentas para inclusão de dados sobre coleções bioculturais na Plataforma do Herbário Virtual – ReFlora. Conduzido pela equipe da Coleção de Botânica Econômica de Kew, o treinamento sobre aspectos técnicos de curadoria avançada de espécimes botânicos abrangeu catalogação, armazenamento, manuseio de material tóxico, e conservação de objetos (Fig.1). Os principais resultados foram a digitalização de milhares de páginas de manuscritos originais de Richard Spruce, bem como fotografias das coleções bioculturais que foram coletadas por ele. Esta visita prática foi planejada para desenvolver proficiência em fotografia, curadoria de espécimes e artefatos, gerenciamento de dados e engajamento público, seguindo os métodos estabelecidos por Salick et al. (2014).



Figura 1 (a-d): Dois participantes do Jardim Botânico do Rio de Janeiro realizaram treinamento em curadoria de material etnobotânico, fotografia de acervos (objetos coletados por Spruce) e digitalização dos manuscritos originais de Spruce.

Posteriormente, a equipe de Tecnologia da Informação do JBRJ se dedicou durante seis meses ao desenvolvimento de ferramentas na plataforma de dados do Re flora, de modo a incluir as imagens repatriadas da Coleção de Botânica Econômica do Kew (EBC), vinculando-as às exsicatas de Spruce já disponíveis on-line através do Herbário Virtual (REFLORA). Este passo foi possível pela aquisição de equipamentos relacionados à melhoria do espaço de armazenamento e a capacidade de processar mais imagens e seus dados associados.

Em outubro de 2016, foi organizada no JBRJ a oficina intitulada “O valor das coleções bioculturais no Brasil: integrando diversas bases de dados” voltada à disseminação sobre a interação entre coleções etnobotânicas e históricas. Este evento contou com a participação de especialistas e estudantes das áreas de botânica, etnobotânica, história, geografia e antropologia. O legado de Spruce, registros históricos, coleções bioculturais, conservação e curadoria, e a Lei da Biodiversidade foram alguns dos temas abordados pelos palestrantes, gerando uma extensa e rica discussão. Ao final, novos elementos, como por exemplo, o Protocolo de Nagoya, foram propostos como imprescindíveis a serem incorporados nos trabalhos, uma vez que estabelecem regras mais transparentes relacionadas às negociações entre países detentores de grande biodiversidade e usuários de recursos genéticos. Tais procedimentos éticos e legais visam beneficiar as comunidades com conhecimento tradicional associado à biodiversidade vegetal.

A segunda parte da oficina foi dirigida a um público específico incluindo 13 representantes de sete instituições, que responderam ao convite feito pela coordenação do evento. No treinamento, ministrado pelo curador da Coleção de Botânica Econômica de Kew e que contou com a valiosa contribuição da curadora da Coleção Etnográfica do MPEG, foram utilizados exemplares da Coleção Etnobotânica do JBRJ como base para discutir a aquisição racional, documentação, procedimentos, manufatura, uso e aspectos éticos, inclusive relacionados às coleções históricas e de além-mar (Fig.2).



Figura 2 (a,b,c): Dr. Mark Nesbitt ministrou treinamento em curadoria no Herbário e na Biblioteca do JBRJ e usou exemplares/objetos da Coleção Etnobotânica do JBRJ para examinar os aspectos de aquisição, documentação, procedência, interpretação dos objetos (como foram feitos e qual o uso), e aspectos éticos; **(d)** atividades complementares nas Coleções Vivas do JBRJ foi realizada, como um caminho com espécies vivas e que foram descritas ou relacionadas por Spruce.

A atividade seguinte refere-se à oficina sobre Etnobotânica, realizada nas sedes do ISA e da FOIRN em São Gabriel da Cachoeira, na região do Alto Rio Negro, com o objetivo de intercambiar conhecimentos científico e indígena e aproximar as instituições de pesquisa brasileiras e britânicas para uma pesquisa colaborativa, intercultural e interdisciplinar. Foi conduzido pelos pesquisadores (botânicos, historiadores e antropólogos) do JBRJ, Kew Gardens, MPEG e Birkbeck, bem como por funcionários do ISA, com o apoio da FOIRN. Anteriormente a realização da oficina de Etnobotânica e Ilustração Botânica no Rio Negro (São Gabriel da Cachoeira), foi realizado um documento (Ofício nº. 215/FOIRN/2016) para apresentar a equipe, informar e discutir os objetivos, metodologias a serem utilizadas durante a oficina, assim como foi ressaltado o interesse da equipe em apoiar e estimular as pesquisas colaborativas e interculturais no Alto Rio Negro. O foco desta oficina foi, desta maneira, o treinamento em práticas em pesquisas bioculturais de 15 participantes indígenas, provenientes dos rios Tiquié (etnias Tukano, Tuyuka and Desana), Içana (Baniwa e Koripako) e baixo Uaupés (Tukano e Pira-tapuya). Por dez dias, a equipe do projeto trabalhou com os pesquisadores indígenas, dando prioridade às habilidades que estes destacaram como necessárias. Objetos bioculturais foram examinados quanto às matérias primas vegetais utilizadas, a coleta destas e os modos de processamento e uso daqueles. Durante o treinamento, cuidou-se sempre em relacionar as discussões às coleções de Spruce, no sentido de suscitar a reflexão, entre os participantes, sobre a melhor maneira de reconectar esses objetos ao seu contexto cosmológico, bem como sobre quais seriam as implicações dessa reconexão para o armazenamento e exposição em Museus. Mais explicitamente, nós refletimos sobre como essas coleções bioculturais, consideradas da perspectiva indígena bem como pesquisadores, poderiam ser armazenadas ou expostas nas coleções ou em Museus. Outra questão importante surgida ao longo do treinamento diz respeito às restrições associadas ao gênero, uma vez que há objetos que só podem ser vistos ou utilizados por homens. Como lidar com essas restrições no âmbito das coleções bioculturais institucionais? A profunda discussão gerada nesta oficina será explorada em um artigo ainda em elaboração.

Saídas a campo foram também realizadas, dando oportunidade aos pesquisadores indígenas de se envolverem nas práticas usuais do trabalho etnobotânico, desde entrevistas, passando pela coleta,

preparo e secagem de amostras botânicas, até a identificação científica dos espécimes de interesse. Paralelamente, foi desenvolvida uma oficina introduzindo as técnicas de ilustração botânica, contribuindo para o aprimoramento científico do olhar e documentação das plantas.

O treinamento de pesquisadores indígenas em São Gabriel da Cachoeira foi seguido por um programa de acompanhamento por representantes do ISA de 12 bolsistas durante cinco meses em diversas comunidades no Alto Rio Negro (Rio Tiquié - Tukano, Tuyuka e Desana; Rio Içana - Baniwa e Koripako; Rio Uaupés (Tukano), em que as técnicas de pesquisa etnobotânica foram postas em uso (Fig. 3). As pesquisas desses bolsistas incluíram estudos sobre: o plantio e uso de diversas variedades de mandioca; a manufatura e os usos domésticos e rituais de cuias; a variedade de pimentas Baniwa; o processamento do carajurú; e o plantio e uso de frutas como buriti, pupunha e banana. A avaliação deste programa de treinamento gerou informações valiosas sobre o potencial e desafios de tais programas, que serão consideradas no desenvolvimento de projetos futuros.

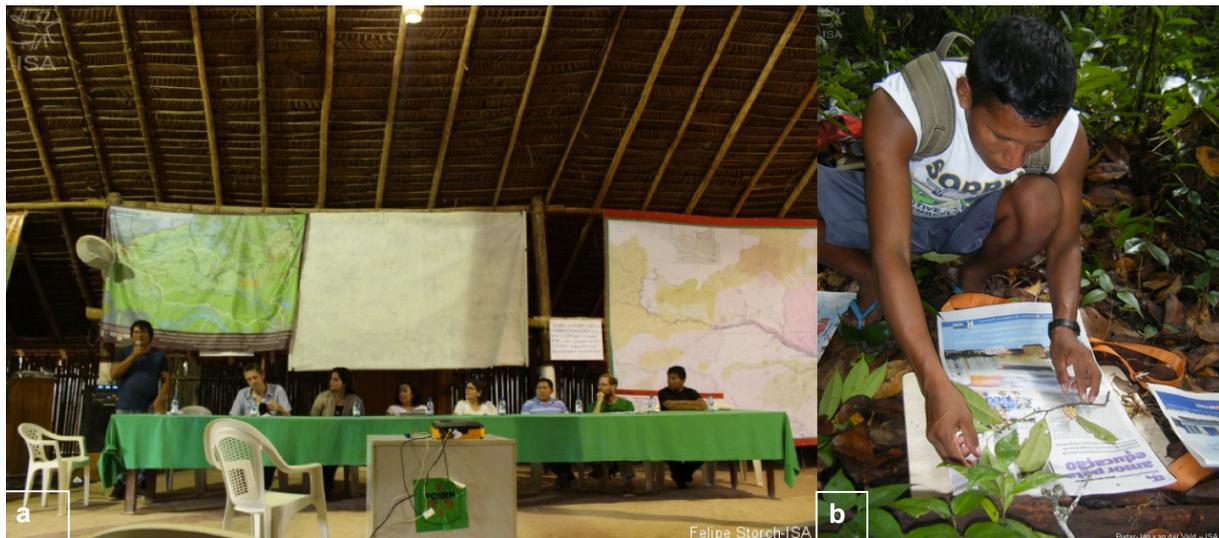


Figura 3a-b: O diretor da FOIRN, na Maloca do Saber em São Gabriel da Cachoeira. Realizou uma apresentação da equipe envolvida para explicar as atividades botânicas em detalhes; Representante indígena no processo de treinamento para coleta material botânico.

RESULTADOS E PERSPECTIVAS

Nos dois primeiros anos do projeto, dois programas de trabalho foram desenvolvidos em paralelo. Um deles diz respeito ao avanço de pesquisa etnobotânica na Amazônia. O outro destina-se a melhorar a documentação e o acesso às coleções, pois os avanços do projeto dependeram de uma documentação de alta qualidade que incluisse tanto o conhecimento científico quanto o indígena.

É importante que a documentação das coleções de Spruce siga sendo aprimorada, com maior integração das informações do herbário, dos manuscritos e artefatos. Quanto mais soubermos sobre onde estes materiais foram coletados e em que contexto ambiental e cultural, melhor poderemos usá-los como base para pesquisas futuras. A título ilustrativo, menciona-se um avanço alcançado neste último ano, e que está associado à descoberta de que quase todos os artefatos etnobotânicos de Spruce são comprovados por um espécime de Herbário, permitindo que as identificações botânicas sejam anexadas aos artefatos previamente não identificados.

As perspectivas indígenas têm sido parte integrante e fundamental deste projeto desde o início; portanto, valorizar e registrar as perspectivas indígenas e ocidentais igualmente é um desafio de valor imprescindível e inestimável. Neste contexto, a capacitação de pesquisadores indígenas é uma prioridade, e essa foi a principal atividade no último ano.

Cabe ressaltar que, após dois anos de trabalho, a equipe envolvida no projeto em questão tem uma visão mais clara das questões de pesquisa, e está alinhada em técnicas relacionadas a curadoria de plantas e objetos. Este amplo processo, contemplando diferentes formas de treinamento, deu origem a diversos produtos: i) um vídeo documentando as atividades da oficina de treinamento em São Gabriel da Cachoeira (<https://vimeo.com/201827169>); ii) um vídeo sobre o escudo cerimonial Desana, incorporado à EBC-Kew (*The many lives of a shield* <https://vimeo.com/194984574>); iii) um vídeo sobre uma camisa (*Spruce Archive – Shirt* <https://vimeo.com/187318877>). Finalmente nós produzimos um manual *Manual de Etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas* (Cabalar et al.,

2017), direcionado às comunidades indígenas, visando ampliar e incentivar as pesquisas etnobotânicas colaborativas e interculturais. O Manual está sendo traduzido para as duas principais línguas locais - o Baniwa e o Tukano -, e uma versão digital foi disponibilizada (https://issuu.com/instituto-socioambiental/docs/manual_de_etnobotanica) para fortalecer e dar maior visibilidade à essa pesquisa pioneira e atender às demandas das escolas indígenas da região e das organizações locais por conhecimento botânico.

Compreender a relação entre plantas, pessoas e culturas é vital, não só para o passado, mas também para o futuro. A coleção de Kew, que inclui objetos, espécimes e notas coletadas por Richard Spruce no século XIX, representa um passado. Trabalhar com culturas locais hoje é igualmente importante. As atividades aqui apresentadas contribuem para o estabelecimento de uma rede de colaboração de pesquisadores no Alto Rio Negro, e fazem parte de um esforço mais amplo para conectar e integrar as comunidades indígenas à produção de conhecimento e pesquisa da região, em um ambiente colaborativo entre o Brasil e o Reino Unido envolvendo diferentes disciplinas e instituições.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Britânico e Fundo Newton pelo apoio financeiro, a equipe do Jardim Botânico Real de Kew e Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ) pela coordenação dos trabalhos dos diversos parceiros envolvidos, assim como Birkbeck, Universidade de Londres, Instituto Socioambiental (ISA), Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN e dos departamentos de Botânica e Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi; à coordenação do Projeto REFLORA pelo apoio, disponibilização de informações botânicas, equipe e imagens; a equipe de apoio administrativo e logístico da Fundação Flora e do ISA (São Paulo e São Gabriel da Cachoeira), especialmente à Aloisio Cabalzar (ISA), Adeilson L. Silva (ISA), Cláudia L. Lopéz Garcés (MPEG), Dagoberto Azevedo (UNAM), Felipe Storch (ISA), Peter Giovannini, Juliana Lins (ISA), e Pieter-Jan der Veld (ISA); as ilustradoras botânicas Patrícia Villela e Rachel Rosadas e representantes indígenas - AIMAS do Alto Rio Negro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cabalzar, A.; Stern da Fonseca Kruel, V.; Martins, L.; Milliken, W.; Nesbitt, M. (Org.). *Manual de Etnobotânica: Plantas, artefatos e Conhecimentos Indígenas*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.
- Hemming, J. *Red gold: the conquest of the Brazilian Indians*. London: Macmillan, 1978.
- Neves, E. Indigenous Historical Trajectories in the Upper Rio Negro Basin. In: McEwan, C.; Barreto, C.; Neves, E. (Org.). *Unknown Amazon*. London: The British Museum, 2001. p. 266-286.
- REFLORA. *Herbário Virtual*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <http://reflora.jbrj.gov.br>
- Salick, J.; Konchar, K.; Nesbitt, M. *Curating biocultural collections: a handbook*. Kew: Royal Botanic Gardens, Kew, 2014.
- Seaward, M.R.D.; FitzGerald, S.M.D. *Richard Spruce (1817-1893). Botanist and explorer*. Kew: Royal Botanic Gardens, Kew, 1996.
- Spruce, R. *Notes of a botanist on the Amazon and Andes*. Volumes 1 & 2. Edited by Wallace, A.R. London: MacMillan, 1908.